

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Rio de Janeiro

DATA: 25/04/1974 AUTOR: Emilia Silveira

TÍTULO: Retrospectiva de Ivan Serpa - Uma multiplicidade de técnicas e estilos

ASSUNTO: Retrospectiva no MAM.

(foto de um quadro da fase Negra)

25 ABR. 1974

CADERNO B □ JORNAL DO BRASIL □ Rio de Janeiro,

RETROSPECTIVA DE IVAN SERPA

Uma multiplicidade de técnicas e estilos

EMILIA SILVEIRA



FASE NEGRA, ÓLEO, 1964 (DETALHE)

"Uma linha, um círculo, um quadrado, não importa o que, podem ser tão emocionantes quanto um ato. Para mim, isso é arte"

(IVAN SERPA)

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro abre hoje a primeira exposição retrospectiva completa de Ivan Serpa com 274 obras representativas dos quase 30 anos de trabalho do artista. Organizada pelo crítico Roberto Pontual, a mostra possibilitará a visão de conjunto de uma produção artística "sempre voltada para a idéia de contemporaneidade exprimida através de várias constantes formais e temáticas." As 90 pinturas, 141 desenhos, 41 gravuras e dois objetos — pertencentes a colecionadores particulares, aos acervos do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e, também, à família do artista — representam "todo o período de atividade de Ivan Serpa em suas diferentes fases, estando incluídos na mostra seus últimos trabalhos deixados ainda em fase de execução"

Da diversificação de formas de expressão é permitido conhecer um Ivan Serpa disciplinado que fez da perseguição da contemporaneidade sua grande meta e da *forma de fazer* o conteúdo de sua obra, explica Roberto Pontual. O crítico aponta três constantes fundamentais na atividade artística de Serpa — contemporaneidade, diversificação e experimentação — ligadas "pelo inconfundível cuidado artesanal."

— O propósito de se situar num nível de contemporaneidade internacional — que não é sinônimo de imitação e sim de necessidade de compreensão, na prática, do que se passava lá fora — ele incorporou à sucessão dos principais movimentos e tendências. Passada uma fase inicial figurativa, de inspiração modiglianesca, onde já apareciam exemplos de interesse pela abstração, ele se fazia, já por volta de 1951, sob o influxo do rigoroso construtivismo das representações suíça e alemã, um dos pioneiros da arte concreta no Brasil.

— A partir de então — continua Pontual — sua obra seguiu um caminho diversificado que o levou desse recurso quase matemático dos primeiros tempos a uma abstração mais

SERPA IVAN
25.4.74

Pontual, a mostra possibilita a visão do conjunto de uma produção artística "sempre voltada para a idéia de contemporaneidade exprimida através de várias constantes formais e temáticas." As 90 pinturas, 141 desenhos, 41 gravuras e dois objetos — pertencentes a colecionadores particulares, aos acervos do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e, também, à família do artista — representam "todo o período de atividade de Ivan Serpa em suas diferentes fases, estando incluídos na mostra seus últimos trabalhos deixados ainda em fase de execução" e obras nunca expostas.

"Em abril de 1973 morria Ivan Serpa, poucos dias depois de completar 50 anos, no Rio, cidade onde nascera e continuara sempre vivendo. Conhecido e respeitado, ele insistia em manter até o fim intacta sua natureza experimentadora, para a qual nenhum caminho estava vedado, somando à prática dos recursos tradicionais da pintura, do desenho e da gravura, a curiosidade pela invenção a partir de novas propostas e materiais especificamente contemporâneos. Tendo por base essa curiosidade e por tarefa o extremo cuidado artesanal, Serpa nos legava naquele momento uma obra única e exemplar entre as que vêm sendo elaboradas no Brasil desde o término da II Guerra Mundial."

Essa opinião de Roberto Pontual está fundamentada num estudo aprofundado da obra de Serpa a ser publicado nos próximos meses pelo crítico. Pontual situa a importância da retrospectiva "na dimensão universal de um trabalho que nunca foi mostrado no seu conjunto e na oportunidade de reunir uma parte inédita às obras já expostas anteriormente."

— A retrospectiva — afirma — é, ao mesmo tempo, uma homenagem a Serpa e uma tentativa de apresentar o artista da maneira mais didática possível para que seja compreendida a sua verdadeira dimensão. Os trabalhos estarão dispostos de forma tal que a unidade de sua obra aparecerá a partir da multiplicidade de estilos e técnicas usadas por ele. Junto aos trabalhos de Serpa, colocamos opiniões de críticos sobre sua obra, com o cuidado de tirar as informações escritas do campo visual das obras para que o impacto não seja interrompido. O labirinto onde os trabalhos ficarão dispostos quase obrigará o público a passar por todas as obras.

O levantamento da obra de Ivan Serpa — de 1945 até 73 — toma todo o 2.º andar do MAM e vai mostrar um artista que, do prêmio na I Bienal de São Paulo dedicado ao melhor artista jovem, conquistado em 1951 com o óleo *Formas*, até os últimos quadros identificados com o movimento *op art*, percorreu um longo caminho, sempre ligado às formas de expressão lançadas no exterior — fato criticado por uns e aplaudido por outros.

"Não pensei, até aqui, numa definição para minha pintura atual. Acho que ela representa, de certo modo, o mundo de hoje.

Um mundo contraditório em que, ao mesmo tempo, se constroem engenhos diabólicos de destruição e põe-se o homem a flutuar no espaço cósmico.

E há milhões morrendo de fome, sem que ninguém se incomode. Conquistas científicas e desprezo pelo semelhante.

Numa época dessas, pode o pintor fechar os olhos aos problemas do mundo?

Vai ele pintar por pintar? Só vejo dois caminhos para os artistas: ou contribuir para o desenvolvimento técnico, trabalhando na indústria, ou denunciar as contradições, fazer os outros homens pensarem."

(IVAN SERPA — 1965)

é sinônimo de imitação e fim de necessidade de compreensão, na prática, do que se passava lá fora — ele incorporou à sucessão dos principais movimentos e tendências. Passada uma fase inicial figurativa, de inspiração modiglianesca, onde já apareciam exemplos de interesse pela abstração, ele se fazia, já por volta de 1951, sob o influxo do rigoroso construtivismo das representações suíça e alemã, um dos pioneiros da arte concreta no Brasil.

— A partir de então — continua Pontual — sua obra seguiu um caminho diversificado que o levou desse recurso quase matemático dos primeiros tempos a uma abstração mais expressionista e projetiva — entre 1960 e 62 — depois à nova figuração de combate, com a violência da *fase negra* — 1964 — e, finalmente, à retomada da disciplina do início. Essa retomada se manifestou em desenhos a bico de pena marcados pela sensualidade, nas pinturas com fortes relações cromáticas e nas construções tridimensionais ilusionistas (usando módulos de madeira e espelho), sendo sempre regulados pelo alvo cinético da *op art*.

Roberto Pontual passa a explicar a diversificação e experimentação — duas outras constantes — sempre estabelecendo uma relação entre as três manifestações que "marcam a unidade/multiplicidade da obra do pintor."

— A mutabilidade de seu programa e de sua produção (seguindo constante) engloba elementos francamente figurativos e a mais absoluta não figuração. Ivan não se importava em aparentar incoerência de uma fase em relação à seguinte e estabelecia a partir de linguagens opostas a sua própria linguagem, ao longo de uma lógica interior específica. Isso já introduz à terceira constante: seu interesse sempre ligado à possibilidade de experimentar, de atualizar sua artesanaria independente das limitações de modelos por ele mesmo praticados, antes, sob paixão.

A retrospectiva tenta mostrar — segundo Pontual — 25 anos de arte contemporânea — do ponto-de-vista didático — a partir de um artista de linguagem universal, de nível profissional raro que deixou uma obra extremamente coerente.

Ivan Serpa deixou uma autodefinição, escrita em setembro de 1971:

"O que interessa é fazer outras observações em relação a outras coisas do momento atual. O que existe é uma necessidade de acordo com minha vivência. Trabalho todos os dias. Se tenho necessidade de fazer desenho, eu faço, se for objeto, eu faço. E tem momento em que tenho necessidade de não fazer nada. Sem aflição. Felizmente não tenho aflição. Sei que ela existe, mas não me pegou ainda. Nunca tenho planos. A vida é que os faz. De acordo com a *maré* é que eles serão traçados. As derrotas ensinam mais do que as vitórias. E dão força para outros embates. Não me entrego, não. Vou até o final."

Ivan Serpa nasceu em 1923, no Rio de Janeiro, onde estudou com o gravador Axel Leskoschek. Em 1951 obteve o prêmio Jovem Pintor Nacional na I Bienal de São Paulo. Iniciou sua atividade como professor de pintura para adultos e crianças no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1952. A partir de sua experiência como professor, publicou, em 1954, o livro *Crescimento e Criação*, com texto de Mário Pedrosa. No mesmo ano, fundou com outros artistas o Grupo Frente. Recebeu, em 1957, o prêmio de viagem ao estrangeiro no VI Salão Nacional de Arte Moderna. Entre suas exposições individuais, destacam-se: retrospectiva no Museu de Arte Moderna (1965), Galeria Bonino (1968), retrospectiva de desenhos no MAM (1971). Em 1970 abriu o centro de Pesquisa de Arte onde trabalhou até 1973.